

O caso das minhocas presas em um pote transparente

Adriana Teles¹

Tomava leite com café. Comia pão com manteiga. De pé. No balcão da cozinha. Sério. Compenetrado. Cumpria uma tarefa (ao lado dos livros empilhados à espera). Comia rápido. Sem sentir o gosto. Não que não apreciasse o saborear. Gostava. Mas esse prazer – o do pão com leite pela manhã – viria apenas no futuro. Quando seus anseios mais iminentes estivessem já acalmados, feito o mar depois de forte tormenta. Por ora, eles eram apenas alimentos. Eram o que o lhe daria energia para aguentar as aulas da manhã, o suporte às descobertas e às constatações. O combustível para que apreciasse o que as disciplinas que gostava tinham a lhe oferecer. Suportar aquelas que eram estranhas ao seu ser, avessas aos seus interesses. Esperar pelo sinal ao fim de cada período, com ansiedade ou pesar. E o toque final. Era quando poderia ir para casa. Desfrutar da liberdade do seu quarto. Uma janela para um mundo seu. Individual. Onde o imaginário poderia trabalhar. E o pão com manteiga e o leite com café não existiriam senão enquanto combustível primeiro. Invisível. Imponderável. Imperceptível. Ouviu o carro buzinar. Apanhou os livros. Tomou o último gole do leite. E saiu mastigando.

NA AULA

“Quando ele sabe que vai morrer, ele maldiz os deuses... Fica puto! É aí que um Deus intervém e fala algo assim... *Meu, tua vida foi fantástica! Você viveu pra caralho! Tá reclamando do quê?*”

Mexeu-se na cadeira.

“Você tem aí um momento precioso de reflexão de espiritualidade laica. A vida é rara e vale a pena ser vivida...”

Colocou o indicador sob o nariz, o polegar sob o queixo, os outros dedos curvados para baixo. Olhos fixos no professor.

¹ Adriana Teles é escritora e pesquisadora. Pós-doutora em Literatura Comparada pela FFLCH / USP, é especialista na obra de Machado de Assis, autora dos livros: *Machado e Shakespeare: Intertextualidades* (Perspectiva, 2017), *Uma linhagem Capitu* (Appris, 2021) e *O labirinto enunciativo em Memorial de Aires* (Annablume, 2009). Na ficção, é autora do romance *Íris Negra* (Trevo/Benfazeja, 2020) e do livro de contos *Dez minutos no museu* (Appris, 2023), além de contos e crônicas publicados em revistas literárias diversas. Conduz o canal no Youtube *Literatura Falada*, que aborda conteúdos variados da literatura brasileira. E-mail: adriana_c_teles@hotmail.com.

“O que ele quer dizer é que não é porque você vai morrer que a vida não presta. Pelo contrário. Ela é singular e merece ser cultivada e bem vivida...”

Silêncio.

O dele era nervoso. Pois fervilhava por dentro.

Por fora, seguia sério. Impenetrável.

“É então que esse Deus lhe dá dois indicadores de que a sua vida havia sido boa... O amor e a civilização... Vocês se lembram, né? Que ele era um bicho... que foi civilizado por uma prostituta...?”

Ele assentiu que sim para si mesmo. Imperceptivelmente.

“Aí esse Deus fala: *você amou e se civilizou*. Passou da condição de simples animal não civilizado para animal civilizado. E você amou... Amou seu amigo e companheiro... Gilgamesh... Isso não fez a sua vida valer a pena...?”

Balançou a perna direita nervosamente.

“Meu... estamos há dezoito séculos antes de Cristo!”

Cruzou os braços. Encostou as costas na cadeira dura. Ergueu o rosto magro. A barba querendo aparecer buscava espaço entre algumas poucas espinhas. Os lábios firmes. Quase apertados. Os olhos fixos no professor que falava agora da última parte da epopeia e no desejo do herói em driblar a morte e tornar-se imortal depois de perder o companheiro. Mas a sua mente se afastou um pouco dali. Um ouvido seguia o discurso animado do professor, satisfeito por atrair a atenção dos alunos. O outro, ele dava a si mesmo. Aos seus desejos mais profundos que ele não sabia exatamente quais eram. Mas o fato era que as insatisfações e o tédio momentaneamente sumiram. E o ar lhe faltava um pouco, como se ele tivesse se lembrado do porquê valia a pena estar ali. Pensou em uma maneira de prolongar aquele instante, pois ele sabia que aquela sensação iria passar. Mas queria que ela durasse. Vivesse eternamente dentro de si. A perna direita balançava nervosa quando ele pegou a caneta. Talvez pudesse escrever um recado para si mesmo. Para que se lembrasse de que existia algo. Mas foi nesse instante que o sinal tocou anunciando o fim da aula. Os alunos fecharam os livros. Ansiosos. O professor ainda falou algo como “a socialização de um certo animal”, mas ele se desconcentrava e não anotou nada.

NO QUARTO

Era tarde da noite. E ele não conseguia dormir. Tinha dúvidas. Muitas dúvidas. E elas eram tamanhas que não poderia listá-las. Eram um todo. Uma coisa. Substância invisível. Pura abstração. Real dentro de sua irrealdade fugaz. E aquilo lhe causava profunda inquietação. Dava falta de ar mesmo. Tentou decifrar para si o que sentia. Organizar aquele caos de sentimentos. Mas não encontrou meios de equacionar o pensamento e as sensações. Percebeu que o peito respirava ansioso. Instintivamente pegou o lápis grafite, que repousava ao lado da cama. Sempre de prontidão. E também a folha branca. A3. Começou a rabiscar bem no meio da superfície. Era uma espiral. Movimentos apenas. Traços fortes que marcavam fundo o papel virgem. E os riscos adquiriam a forma de um torvelinho. Esboçou forte e bagunçado. Caótico. Anárquico. Gostou do resultado. Resolveu fazer uma base. Traçou reto. Muitos traços horizontais. Independentes. Mas que se confundiam.

Loucos. Inebriantes. E, no fim, percebeu que poderia traçar um eixo na vertical. Era quase uma simetria reflexiva. E foi o que fez. Lembrou-se, então, de Da Vinci. Na sua curiosidade insaciável. No Renascimento. Sim. Renascimento. E em “O homem de Vitruvio”. O último certamente por causa da simetria. Era o seu pensamento que rodava em espiral. Zonzo. Bagunçado. E subia traçando círculos infinitos. E, por fim, a coisa era menos caótica do que parecia de início. E isso era muito curioso. O fato era que ele engendrava, ali, uma equação. A questão era como resolver aquilo dentro de si. Apreciou o desenho. Pensativo. Muito quieto. Vagaroso. Era como se visse a si mesmo naquele espaço de 29,7 X 42. A folha marcada por seus traços firmes era a maneira como a sua força se imprimia ao mundo. E, muito embora a anarquia primeira lhe tivesse parecido menos confusa há pouco, ela seguia indecifrável. Acomodou, então, a cabeça no travesseiro. Deixou o braço direito descansar sobre a testa e os olhos. O desenho sobre o tronco. E o pensamento o levou para longe. Não que ele pensasse em algo palpável. Não havia caminhos simples. Nem mesmo claros. Era um abismo negro que o conduzia a um lugar outro. Esvaziado. E era como se ele não estivesse mais ali. Mas estivesse unido ao indelével do mundo. Fundido ao nada. Deixou que as coisas buscassem um lugar dentro de si. Sozinhas. Independentes. Se (re)arranjassem de algum modo. Dormiu sem perceber. Acordou mais tranquilo. Pronto para um novo dia.

ENTRE PAREDES

Leu um conto para a escola. E ele falava de uma menina órfã que morava no campo e tinha brincadeiras peculiares. Gostava, por exemplo, de torturar formigas e insetos e, quando se cansava, jogava-os nas brasas do fogão a lenha e observava a sua extinção com uma lupa. Gostava, ainda, de espetar borboletas com alfinetes tirados da caixa de costura da avó e certa vez encheu um vidro com minhocas vivas e o enterrou no quintal. Depois esqueceu onde o tinha enterrado. Achou de uma poesia sinistra. E, apesar de ser algo tão distante do seu mundo, reconheceu como estranhamente próximo a si. Isso o incomodou por demais. É que queria saber a conexão entre o lido e o seu eu. Mas, aparentemente, isso lhe fugia. Escapava, mesmo. Resolveu, então, fazer o trabalho para a escola, que consistia em responder perguntas sobre interpretação e gramática, ambas envolvendo o conto: “Leia o seguinte trecho e discuta...”; “o pronome relativo da frase seguinte retoma...”; “Relacione a seguinte passagem com...”; “Discuta de que maneira...”. Não demorou em concluir. Enviava as respostas para o professor quando ouviu uma leve batida na porta.

“Licença...” Era a mãe que lhe trazia um lanche. Pão com presunto e queijo em um pratinho de louça branca. Suco de laranja em um copo transparente.

“Obrigado, mãe.”

“Está tudo bem? Anda tão calado...”

“Tudo bem.” Disse olhando para a mãe, como se dissesse que podia ir. E ela se foi por querer agradá-lo. Comeu o lanche, mas achou o suco de gosto estranho. Ela certamente havia batido abacaxi, cenoura ou o que quer fosse junto com as laranjas. Era para tornar mais nutritivo, diria. Mas ele não gostava de coisas nutritivas de gosto estranho. Percebeu na boca minúsculas partículas durinhas.

Colocou a língua para fora e encostou um dedo na ponta. Olhou. É, era cenoura. E os fiapinhos que sentia na garganta, eram abacaxi mesmo. Enfrentou, então, um pequeno dilema. Não queria tomar o suco, nem magoar a mãe. Pensou, então, em jogar tudo na pia do banheiro. Ficar livre daquela mistura esquisita. Olhou o conteúdo por traz do vidro e viu que ele decantava de leve. Na parte de baixo, havia minúsculas partículas de cenoura e fiapos de abacaxi. Tinha que ter batido mais... Resolveu tornar a mistura mais homogênea, abandonando a ideia de jogar tudo pelo ralo. Mexeu o copo em espiral. Devagar. Mas, mesmo assim, caiu um pouco do líquido no seu short, que ficou com uma mancha redonda. Desistiu. Resolveu virar tudo de uma só vez. Engolir e ficar livre. Foi o que fez. Voltou aos estudos. Biologia: anelídeos. Não era possível! Minhocas, de novo?! O conto voltou à sua mente e ele quase pôde ver aqueles pequenos seres presos no pote transparente. Só que, dessa vez, a sensação foi pior. Sentiu-se ligeiramente enjoado. Certamente era por causa do suco. Levantou-se. Foi até a janela. Respirar um ar novo. Mas era um ar quente e adiantou pouco. Recuperou-se com os minutos. Pouco a pouco. Sim, ele precisava de tempo. Finalizou as tarefas quando o mal-estar o abandonou. E, naquela noite, ele sonhou que era um anelídeo da classe Oligoqueta e que avistava o solo úmido sem poder alcançá-lo. É que, muito embora parecesse fácil, havia barreiras misteriosamente intransponíveis. Acordou cansado e de mau humor. E decidiu que, a partir daquela tarde, rejeitaria sucos de sabor ou textura indesejados.

ESBOÇO

Pegou o lápis preto. Fez alguns traços. Era um rosto de homem. Um homem mais velho do que ele. Os traços angulosos. Quase geométricos. Duros. Precisos. Quase estilizados. Não caricaturais. Uma criação sua. Dele. Ele. Os lábios bem fechados. Quase comprimidos. A expressão algo dura. Muralha. Os cabelos eram um capítulo à parte. Traços quase retos. Alongados. Rebeldes. A mão precisa. Os traços. A folha branca. Imaculada. O preto do grafite. Precisão. Movimento incontido.

“Você está estudando, Alexandre?” Escutou a voz que vinha de longe. Sonora. Clara.

“Sim!”. Disse, em voz alta, o monossílabo que a mãe receberia do mesmo jeito. Alto, sonoro e distante.

Voltou-se aos lábios. Finos. Sem excessos. Feição séria. A barba. Um bigode. O cavanhaque bem desenhado. Fios duros. Ásperos. Desenhados um a um para depois serem borrados por traços rápidos que escondiam a singularidade de cada fio.

“Quer comer alguma coisa?” Ela colocou a cabeça na porta. Intrusa. Ele guardou o desenho próximo ao peito.

“Não. Estou bem...”

“Prova do que mesmo?”

“Biologia.” Disse decidido. Sério. Ela interrompia sua concentração. Olhou-a sem cinismo ou remorsos. Firme.

“Qualquer coisa, me diga...” Ela disse fechando a porta com cuidado. Respeitosa.

Voltou ao trabalho. Os olhos. Sim. Expressivos. Profundos. Hesitou por instantes. Como poderia criar o efeito desejado? Não sabia. Começou a desenhá-los mesmo assim. Sem saber como atingir o que queria e sem saber exatamente o que queria. Simplesmente queria. Na verdade, era um todo. Um conjunto. Voltou o lápis para a sobrancelha. O mesmo estilo da barba, do bigode, dos cabelos. Traços firmes, curtos. Imprecisos. Borrando limites. Forma breve. Traços pequenos. Traços finos que se confundiam com outros salientes e duros. O queixo. O pescoço. Um colarinho. Um botão aberto. Escutou a voz do pai que se aproximava. Certamente viria saber se ele estudava para a prova. Saco! Fechou o caderno com cuidado. Deixou-o de lado. Abriu o livro de biologia. Mitocôndrias. Fitou suas páginas com o pensamento longe. Os olhos viam o colorido dos desenhos. As letras eram borrões pretos. E a alma ia em devaneio frenético. Insaciável. Cheia de paixão.

O RETRATO

Gostava do sábado pela manhã. Era inversamente proporcional ao domingo à tarde. Era o início de um ciclo. O final de semana. E ele sentia-se sempre muito inspirado com a ideia de começo. Acordava um pouco mais tarde, tomava o café sentado – e não de pé como nos dias de semana – e voltava para o quarto – sob protesto dos pais, sempre – mas podia, então, desenhar quase que despidamente. Naquele dia, resolveu que os desenharia. Escolheu uma foto postada em rede social. Um momento festivo em que ambos sorriam felizes. Pegou o grafite e traçou o rosto da mãe. Não era fácil traduzir sua expressão acolhedora por meio de traços negros e rígidos. Os cabelos lisos na altura do queixo não. Combinavam perfeitamente bem com o traçado grosso. A luz dos olhos negros também não era um desafio. Este ficava por conta das linhas delicadas do rosto oval e ligeiramente pontudo na parte de baixo. Os lábios mais grossos na parte de cima lembravam o formato de um pêssego. O nariz afilado que parecia de plástico. Analisou o semblante do pai. Nunca havia percebido que, quando ele sorria, um dos lados do seu rosto enrugava mais do que o outro. E ele ficava assim ligeiramente torto... Não era feio. Era só um detalhe. Quase imperceptível. Viu, ainda, que o pai estava ficando calvo. E que os seus olhos tinham um brilho estranho. Inclassificável. Por instantes esteve certo de que não conseguiria fazer um retrato seu. Achou a figura complexa demais. Como adaptar os traços duros do grafite às rugas sinuosas daquele rosto? Devia haver uma maneira. Um modo de dar conta daqueles caminhos todos, sem tornar a imagem pesada ou embrutecida. Sem descaracterizá-lo. Traçou, então, o queixo, ligeiramente quadrado. O pescoço. O rosto, que, achou, estava mais anguloso do que deveria. Apagou e corrigiu. Os cabelos bem curtos e a calvície. Apagou aqui e ali. Fez correções e contemplou, então, o rosto vazio. Uma espécie de molde. Foi quando ouviu uma batida na porta.

“Estudando?”

“Não. Desenhando.” Mostrou o esboço ao pai, que se aproximou.

“Hummm. Eu sou um homem sem face?” Perguntou divertido.

“Não... estou só começando...”

“Vamos à loja comigo?”

“Não, não... Vou ficar. Tenho que fazer um trabalho logo mais e começar a ler um livro.”

Escutou a porta se fechar com cuidado. A voz do pai, que falava algo com a mãe, meio abafada e cada vez mais longe. Contemplou, então, o desenho. E desistiu, temporariamente, em dar continuidade. Colocou o esboço embaixo de todos os outros desenhos e foi procurar outra coisa para fazer. Ele não gostava de trabalhos inacabados. E isso incluía os desenhos. Foi no que pensou ao encarar mais uma vez o rascunho. O problema era o pai. Suas feições eram difíceis de serem apreendidas por seu traço preto e preciso. Havia um choque entre as linhas do seu rosto e a dureza do grafite. Ambos eram precisos. E era necessário delicadeza, pois, caso contrário, resvalaria nos extremos e teria então uma caricatura. E ele não gostava de caricaturas. Pois elas exageram traços particulares, que deveriam ser filtrados com perícia e dedicação. Valorizados em suas peculiaridades únicas. Jamais expostos até próximo ao ridículo. E era assim que ele concebia o desenho. Pelo menos naquele momento em que tentava se equilibrar nos traços delicados de sua personalidade, nos anseios mais íntimos e desconhecidos e nas angústias até então desconhecidas e que a idade lhe oferecia feito um enorme banquete. Pegou o desenho inacabado nas mãos. Apreciou-o por instantes e resolveu que iria enfrentar o desafio.

OS JACINTOS COLORIDOS

Quando ouviu a buzina ainda mastigava o pão com manteiga da segunda-feira. E, nessa manhã, aquele jovem trazia uma potência renovada e estranha pelo incomum tedioso do cotidiano que sempre predominava esmagador. Sonhara com jacintos coloridos. Um belo jardim. Certamente devido à leitura realizada na noite anterior e que atendia à exigência da escola. Um conto de Clarice Lispector e que deixara uma frase e uma imagem na sua mente. Algo como tomar uma atitude que abalasse os jacintos. Da mesma autora, ele conhecia outras frases ainda mais interessantes como “ser às vezes sangra” ou ainda “viver é extremamente tolerável, viver ocupa e distrai”. Mas era aquela a frase da vez. Talvez porque tivesse lido o texto pouco antes de dormir. Depois de ter terminado o retrato dos pais. Que não o agradou de todo. Mas estava finalizado. E ele estava pronto para prosseguir incansável no encontro com a semana inédita. Em busca de. “Viver é dramático”. Diria a mesma escritora. Pensou batendo a porta atrás de si.